

A voz da história: um tributo ao professor Francisco Magalhães

Nilson de Paula*

Início com um profundo lamento porque não tive a chance de dizer ao professor Magalhães o que direi a seguir. Coisas que ele, com certeza, gostaria de ouvir. Coisas carregadas de afeto.

Uma gratificante obra do acaso me levou a conhecê-lo num encontro, alguém diria improvável. Eu, um mero estudante oriundo do interior de São Paulo, ainda tateando a vida sem saber o que queria do futuro. Ele, uma autoridade, conhecedor do mundo como poucos, mas conhecido por muitos. Ao encontrá-lo pela primeira vez me curvei na atitude típica de quem venera pessoas importantes. Mas logo percebi que o professor Magalhães era mais do que um chefe ou uma autoridade. O respeito que ele angariava de todos não se devia ao cargo que ocupava, mas ao ser humano que era, à sua capacidade de argumentar e sua disposição para ouvir. Eu demorei algum tempo para compreender como alguém em sua posição fosse tão acessível e disponível.

Era o início dos anos 1970 e a sociedade brasileira estava imersa numa alienação forjada na truculência de um regime que nos garroteava, nos forçando a ignorar nossa história e os problemas sociais que se espalhavam sob a utopia do milagre brasileiro. Quando ingressei no curso de Economia da UFPR em 1973, me aproximei de um grupo de estudantes engajado no movimento estudantil, o que foi decisivo para que o curso fosse mais uma oportunidade para entender a sociedade do que simplesmente um caminho para o mercado de trabalho.

Após dois anos na faculdade, embora a profissão do economista ainda fosse um mistério, começamos a alimentar expectativas de mudança do país, com reflexões que passavam ao largo do que era ensinado em sala de aula, onde predominava uma limitada visão tecnocrática e colegial. Não éramos capazes de explicar os fenômenos econômicos e sociais contemporâneos e

* Ex técnico do Iparde, professor aposentado do Departamento de Economia e do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da UFPR, com graduação em Ciências Econômicas pela UFPR, Mestrado pelo Centro de Pós-graduação em Desenvolvimento Agrícola da UFRJ, doutorado pela University College London/UK, e pós doutorado pela University of Reading/UK.

muito menos os processos históricos que os produziram. No entanto, essa frustração no meio acadêmico foi mitigada quando iniciei um estágio no IPARDES em 1974 sob a coordenação de Eunice Wilberg, onde, pela convivência com profissionais e estudantes de um diverso espectro interdisciplinar tive um aprendizado valioso, e de onde só saí 17 anos depois. O IPARDES, sob a presidência do professor Magalhães, representava, assim, a porta de entrada na vida profissional, num convívio humano que nos permitia ver mais do mundo e sonhar com sua transformação. As relações pessoais eram marcadas por um diálogo intenso entre visões heterogêneas dos problemas que nos desafiavam. Era como estar cursando uma faculdade paralela e muito mais interessante, a partir da qual a compreensão da Economia como ciência social se tornou possível. Fomos, assim, levados a pensar nas grandes questões nacionais e naquelas específicas da sociedade paranaense, em particular derivadas de uma industrialização rastejante, de um processo veloz de concentração fundiária e consequente migração rural-urbana massiva, enquanto o sistema agroindustrial exportador se engrandecia numa modernização enviesada e conservadora.

Como presidente daquela instituição de pesquisa, longe de ser um tecnocrata na direção de um órgão do governo, Magalhães estava no comando de um grupo, para o qual a crítica era um ingrediente essencial. Sob sua liderança, várias abordagens se misturavam numa fértil simbiose que proporcionou a transformação do IPARDES num respeitável órgão de pesquisa e planejamento. No centro daquele turbilhão intelectual estava ele, com quem tive contatos pontuais, mas suficientes para respeitá-lo e admirá-lo. A leitura de seu livro se tornou obrigatória, com o qual conseguimos entender a importância da história, algo enaltecido pelos economistas que passaríamos a respeitar. Estávamos sendo formados como cientistas sociais, dentro da nobre linhagem da Economia Política.

A expectativa de cursar sua disciplina de História Econômica no terceiro ano da faculdade foi dolorosamente frustrada quando, após apenas algumas aulas, ele se licenciou por estar de mudança para Brasília. Mas aquelas poucas aulas foram suficientes para confirmar algo que ficou impregnado em nossa formação, e que eu, mais tarde, repetiria aos meus alunos: a história importa.

A cadência com que o professor Magalhães abordava os temas de aula, com uma retórica elegante e precisa, cativou os alunos de imediato, enquanto apenas confirmava o que já conhecia, após nosso convívio no IPARDES. Naquele momento, a palavra “professor” foi impregnada em seu nome de forma irremovível.

Quando de sua volta a Curitiba, no início dos anos de 1980, as forças repressoras do regime já se recolhiam e os ventos da democracia se aproximavam. Em 1984 nos juntamos na formação de uma chapa que venceria as eleições ao CORECON (Conselho Regional de Economia), tendo o professor Magalhães como presidente de uma gestão orientada pela intenção de reconectar a categoria dos economistas às questões que emergiam na esteira da redemocratização.

Posteriormente, em meados daquela década, o professor Magalhães assumiria a Secretaria de Planejamento do estado do Paraná, quando eu me afastava para meu doutorado. Após retornar, em 1992, me desliguei do IPARDES e passei a integrar o corpo docente do Departamento de Economia da UFPR, onde o reencontrei, desta vez como colega. Nos primeiros anos de minha atividade docente, acompanhava seu ir e vir às salas de aula. Por várias vezes tive vontade de acompanhá-lo e voltar a ser seu aluno.

Ao longo desse tempo, apesar de eventuais distanciamentos, Magalhães foi sempre o mestre que nos ensinou e orientou com seus pausados e críticos comentários sobre eventos históricos e sobre a conjuntura que vivíamos, com um olhar mais atento ao que se passava na América Latina e particularmente no Brasil. Mas acima de tudo, seu humanismo no trato com colegas e alunos fez com que lidasse com querelas egóicas e disputas entre vertentes teóricas com sensatez e respeito, mesmo quando as diferenças pareciam insuperáveis.

Apesar disso, naqueles anos, sem que pudéssemos impedir, naqueles anos começamos a perceber uma gradual transformação, com uma guinada no ensino das Ciências Econômicas rumo à prevalência da ortodoxia dos princípios de equilíbrio geral e do desprezo, muitas vezes intencional, do estudo da história e dos problemas sociais. A modelização matemática pasteurizava as análises econômicas e sequestrava as mentes ingênuas de

estudantes ávidos por um emprego no mercado financeiro, como se o determinismo econômico bastasse e a vida social não importasse. A sala de aula era invadida pela onda neoliberal que avançava incontida em todos os cantos da sociedade. Com isso, na esteira dessa desidratação da Economia Política como referência conceitual para o debate acadêmico, os estudantes de Economia começaram a perder interesse na história econômica. Mesmo assim, o professor Magalhães, detentor de uma senhoria inquebrantável, ainda conquistava novas gerações, numa resistência silenciosa à avassaladora proeminência do mercado e ao enfraquecimento do Estado. Me lembro de seu discurso como paraninfo da turma que se formava em 1992, quando nos revelou a densidade e o alcance de sua leitura do mundo, expondo aos formandos os reais desafios que enfrentariam como economistas.

Não me surpreendeu que em 1999 o professor Magalhães defendesse sua tese de doutorado na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, na área de Sociologia. Sua análise não estava voltada aos determinantes econômicos da criação e, depois, da liquidação do BADEP, mas à dinâmica sociopolítica em seu entorno que repercutia o mantra do Estado mínimo e do falacioso equilíbrio fiscal. Eram os atores políticos engajados na agenda do desenvolvimento, e posteriormente aqueles que se empenharam na dilapidação das instituições que atraíam sua atenção. Enquanto muitos economistas eram capturados pela tecnocracia e pelo canto da sereia dos modelos de crescimento (não mais de desenvolvimento, diga-se), quando até o simples crescimento era uma carência, Magalhães via no horizonte o rastro destruidor do neoliberalismo. Mais do que apenas descrevê-lo como um sinal dos novos tempos, ele o interpretava como um movimento gestado nas estruturas de poder e conduzido por atores sociais e políticos. Ou seja, a compreensão da economia dos anos seguintes requeria ferramentas que a formação dos novos economistas deixava de priorizar. Devido a isso, em grande medida, não conseguimos preservar, como um legado imprescindível do professor Magalhães, a convivência com os nossos vizinhos, sociólogos, historiadores, cientistas políticos, geógrafos, e tantos outros, que ele trazia constantemente em sua fala para explicar a economia como um sistema imerso

socialmente, cujos rumos são dados pela correlação de forças que se manifesta politicamente.

Mais ainda, na condição de seus colegas docentes, não tivemos o discernimento necessário para impedir que ele fosse deslocado de seu lugar, particularmente ao nos rendermos às exigências produtivistas que orientavam o sistema de pós-graduação do país. Enquanto o estudo da história e da economia brasileira perdia importância nas salas de aula, nos debatíamos para sobreviver num ambiente acadêmico rígido e competitivo, ao mesmo tempo em que víamos, passivamente, o professor Magalhães se afastar. A superficialidade se tornou hegemônica, a arrogância ganhou espaço e o debate ficou mais apático.

Nos meus últimos anos como professor do departamento de Economia, ainda pude desfrutar de sua agradável companhia. Assim, seguia aprendendo com ele. Em nossas conversas, sua grandeza como pessoa, a riqueza de seus conhecimentos, e o equilíbrio de suas posições eram perceptíveis. Mas só posteriormente me dei conta que aqueles eram momentos de despedida de alguém tão especial na trajetória de muitos de nós.

Mais do que por sua atuação acadêmica, rendo aqui minha homenagem à humanidade com que o professor Magalhães liderou instituições, a exemplo do IPARDES, e com a qual transmitiu conhecimento, conviveu com seus pares e acolheu os novos, alunos e não alunos, tratando-os como iguais.

Encerro dizendo que o espaço por ele deixado segue vazio, enquanto lamento profundamente que tenhamos, em alguma medida, negligenciado seu legado. Sua sensatez e a elegância de suas ponderações fazem muita falta no meio acadêmico e nas rodas de conversa. Muita coisa mudou desde que ele se foi. E numa velocidade que nos deixou desorientados e incapazes de compreender plenamente o sentido dos acontecimentos que tem nos atropelado. Mais preocupante, todavia, é perceber que estamos andando para trás, numa tragédia que imaginávamos nunca viver novamente. Sentimos a falta do professor Magalhães para nos explicar a natureza de um fenômeno tão distópico, em que a história parece nos trair ao vestir o futuro com as roupas de um passado de tristes memórias. Desde 2016, quando as instituições

democráticas sofreram a primeira bordoadá, vivemos sobressaltados sob uma ameaça contínua. Mesmo assim, não faltaram aqueles que a banalizaram se acomodando em conveniências momentâneas e em falsas convicções. Nossa história parecia não lhes interessar. Por isso, parafraseando Maria da Conceição Tavares, o economista que não se preocupa com a gravidade do momento atual em que o fascismo nos ronda para extinguir impunemente a democracia está fadado a naturalizar a tragédia da exclusão social, da concentração de renda e de poder, e da condenação da sociedade ao retrocesso. Quanto mais o economista estiver a serviço da tecnocracia, encastelado em seu gabinete e recluso em seus modelos auto referentes, mais sua visão de mundo desprezará os desafios que a vida social nos impõe e mais impermeável estará ao que o professor Magalhães nos ensinou.

Obrigado.